

Por uma história da noção de campo

BERTRAND PULMAN

TRADUÇÃO: WILMA MARQUES LEITÃO

REVISÃO TÉCNICA: ADRIANA DE OLIVEIRA SILVA, DANIELA DO AMARAL ALFONSI,

JAYNE HUNGER COLLEVATTI E LUÍSA VALENTINI

“Primeiramente, para além do racional existe uma categoria mais importante e mais fértil, a do significante, que é a mais elevada forma de ser do racional mas cujo nome nossos professores (decerto, mais ocupados em meditar sobre o ‘Essai sur les données immédiates de la conscience’ do que sobre o ‘Curso de Linguística Geral’ de Saussure) nem sequer pronunciavam” (CLAUDE LÉVI-STRAUSS, 1996:53)

Todos os antropólogos, quaisquer que sejam suas opções teóricas, consideram que o que se convencionou denominar *campo*¹ constitui uma das dimensões essenciais do procedimento antropológico. Neste sentido, Lévi-Strauss afirma nitidamente que “o antropólogo necessita da experiência do campo” e aponta que

só o julgamento de membros experimentados da profissão, cuja obra atesta que eles próprios contornaram o cabo com sucesso, pode decidir se, e quando, o candidato à profissão antropológica terá realizado, no campo, esta revolução interior que fará dele, verdadeiramente, um homem novo (1967, p. 416).

Em tom similar, Condominas declara que

1. N.T.: Levaremos em consideração que as citações de Condominas, Malinowski e Jones, reproduzidas neste artigo, são traduções em francês de frases inicialmente pronunciadas ou redigidas em inglês. A mesma observação vale para as traduções de *terrain* em português: *campo/terreno*.

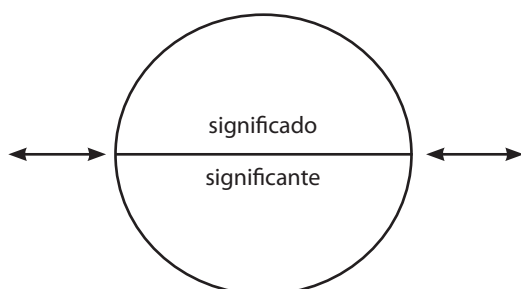
o momento mais importante de nossa vida profissional ainda é o trabalho no campo; ao mesmo tempo nosso laboratório e nosso *rito de passagem*, o campo transforma cada um de nós num verdadeiro antropólogo (1972, p. 2).

Dessa forma, não espanta ver-se multiplicar palestras e publicações referentes ao conceito de campo e suas representações. Iniciada já há algum tempo nos Estados Unidos, desenvolve-se incontestavelmente hoje na França uma interrogação histórica, metodológica e epistemológica sobre *campo*. Os textos reunidos recentemente sobre esse assunto por iniciativa da Associação Francesa de Antropólogos (1987) são testemunhos desse movimento reflexivo, ao mesmo tempo necessário e inevitável: quando procuram definir melhor a especificidade, o estatuto ou as perspectivas de futuro de sua disciplina, os antropólogos são naturalmente levados a indagar o que recobre a noção de campo. Tal reflexão é, com toda certeza, legítima e útil.

Em sua grande maioria, os textos sobre *campo* produzidos por antropólogos têm valor de testemunho: desse ponto de vista, constituem preciosos documentos. Contudo, num plano estritamente teórico, esses textos suscitam muitas vezes dúvidas. De fato, por termos procurado “meditar” o máximo possível sobre o *Curso de Linguística Geral (C.L.G.)* de Saussure, parece-nos essencial apresentar a seguinte questão: não estarão baseados numa confusão entre o campo e o CAMPO a maior parte dos discursos dos antropólogos sobre o campo?

Essa confusão entre o signo e seu referente é inelutável e relativamente inócua se um antropólogo diz, por exemplo, que se está preparando para “ir para campo”. No entanto, encerra certo inconveniente se esse mesmo antropólogo diz que pretende “refletir sobre o campo”. Pois, neste caso, o objeto de sua reflexão, ainda que sendo um conceito teórico-prático, não deixa de ser também um objeto conceitual. O fato de tal conceito remeter, aos olhos do antropólogo, para uma vivência do real é incontestável, mas não deve ocultar o cerne da descoberta saussuriana.

Sob o conceito de campo encontra-se uma imagem acústica /cãNpo/. É precisamente esta união de um significado e de um significante que dá a *campo* seu estatuto primeiro de signo, conforme o esquema bem conhecido, mas frequentemente esquecido:



A língua, assim, associa de uma maneira indissolúvel, o pensamento e o som. Notemos que sobre isso o *C.L.G.* destaca:

A Linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe onde os elementos das duas ordens se combinam; *esta combinação produz uma forma, não uma substância* (Saussure, 1965, p.131)².

O antropólogo poderia considerar que a definição do signo *campo* interessa apenas ao linguísta, isto se o *C.L.G.* não nos ensinasse uma

2. Cf. sobre esta passagem Saussure, 1972, pp. 157 e 463.

outra coisa fundamental: não sendo a língua uma nomenclatura, a relação de um signo com seu referente é, no mínimo, problemática!

Parece-nos, então, que uma reflexão sobre o *campo* deve partir da seguinte constatação: quando falam do *campo*, os antropólogos utilizam um signo que ocupa uma posição específica no sistema de signos constituído pela língua francesa. Quem leve a sério o *C.L.G.* não pode considerar que esta mediação incontornável da língua é sem importância. O *campo* não é nenhuma experiência transparente em sua própria eficácia, nenhum dado imediato da consciência. O *campo* é, antes de tudo, algo aquém de nossas frases. Daí que se deva indagar quais as conseqüências do fato de empregar o signo *campo* para referir-se a uma experiência que alguns locutores afirmam ter do mundo. O que nos propomos apresentar aqui, são as premissas de uma tal problematização do *campo* no nível da língua.

Trata-se assim de levar a questão do *campo* para o campo da língua³. Projeto que o autor está consciente de ser eminentemente perigoso, uma vez que o próprio Saussure alertou contra o fato de que

todo aquele que se coloca *no campo da língua* pode admitir ter sido abandonado por qualquer analogia do céu e da terra (1954, p. 64).

Se com isso todas as certezas vacilam, é primeiramente porque o signo é arbitrário. Arbitrário não na medida em que o conceito de *campo* não estaria ligado por qualquer necessidade interna à imagem acústica que lhe

3. Na medida em que nos situamos no campo da língua deve ser entendido que nossas observações sobre o *campo* não pretendem considerar a coisa em si. Trata-se aqui de examinar o *campo* enquanto signo e, além, disso, analisar algumas dificuldades que a definição do referente desse signo implica.

serve de significante. É arbitrário, muito mais fundamentalmente, porque a organização formal dos significantes e dos significados depende dos caracteres intrínsecos da substância fônica e da substância significativa. Dito de outra forma, nada, na massa de significações possíveis, predetermina a discriminação que opera a língua francesa ao dotar-se do signo *campo*⁴.

A história da língua francesa pode, todavia, nos ajudar a decodificar o valor atual desse signo. Recorrer à história da língua surpreenderá apenas quem ainda não tenha entendido que a prioridade metodológica dada ao ponto de vista sincrônico não exclui uma reflexão sobre o devir da língua, muito pelo contrário. Torna-se, assim, exatamente a mesma coisa dizer que o signo é arbitrário, que a língua forma um sistema e que existe uma “historicidade radical dos signos”⁵. O signo *campo* tem uma história cuja etapa é importante retrair para medir suas ressonâncias atuais.

Começamos vendo o que pode nos ensinar um bom dicionário de língua francesa (ROBERT, 1965 e 1986). O signo *terrain* aparece na língua francesa no século XII. Constitui-se a partir do latim “*terrenum*”, forma substantivada do adjetivo “*terrenus*” que significa “formado de terra”. Alguns gramáticos como Vaugelas e Richelet, aliás, tentaram no século XVII restituir uma ortografia “*terrein*” mais condizente com a origem etimológica do signo⁶. A princípio, a significação é unicamente telúrica: o signo *terrain* é utilizado para designar uma extensão de terra considerada em seu relevo ou em sua situação. É por isso que falamos de um terreno plano, montanhoso, arborizado ou fértil; e é nesse mesmo sentido que se formam,

hoje em dia, expressões como “um veículo *off-road*”.

No final do século XVII, o signo entra em um novo campo semântico, pois a arte militar se apropria dele. Nesse novo âmbito, o *campo* se associa ao campo de batalha: o signo *campo* designa o lugar onde se realizam as operações militares e, num uso especializado, a arena onde se pratica um duelo. A instalação de fortificações provisórias constitui a base de uma ciência de “organização do campo”, ensinada nas Escolas Militares⁸. É a esta parte belicosa da história do signo *campo* que Breton se refere quando escreve:

sabemos com que orgulho tais especialistas das “ciências do homem” se prevalecem de sua estadia *no campo*, por menos perigoso e mais breve que seja, e em suas bocas esta locução toma a mesma solenidade que na dos duelistas (1962, p.10).

Esta dimensão guerreira do *campo/terreno* é pano de fundo para uma série de expressões que fazem parte da linguagem comum atual: *disputar o terreno*, *ganhar* ou *perder terreno*, *conhecer o terreno*, *ter vantagem no campo*, *um campo de esporte* etc. E foi nesse contexto militar que surgiu a expressão “ir a campo” - que significa originalmente ir aos locais de combate -, antes de tomar por extensão o sentido figurado mais geral de “ir ao local”, “lá onde acontece aquilo de que se fala”. As conotações belicosas da expressão permanecem, às vezes, bem explícitas. Por exemplo, em 1871, o jurista Émile Alglave escreveu na *Revue Scientifique*, de que era redator-chefe:

4. cf. Martinet, 1957 e os comentários de T. de Mauro, in Saussure, 1972, pp 420-422 e 442-445

5. Comentários de T. de Mauro, in Saussure, 1972, p.449

6. A ortografia “*terrein*” é, ainda, a preferida de Littré.

7. N.E: No original, em francês, o termo utilizado é *vehicule pour tout* que, na França, segundo a tradutora, é conhecido como veículo “utilitário”. Entendemos, porém, que o termo que melhor representa essa idéia é *off-road*.

8. Cf. Corvisier, 1988, pp. 340-346

só podemos almejar uma desforra tomando da Alemanha as armas que nos venceram. É, pois, no campo da ciência que deveremos combater primeiro, para nos prepararmos a lutar em outros campos de batalha, porque hoje somente a ciência dá a vitória⁹.

O campo é, ao mesmo tempo, uma extensão de terra e um lugar onde se desenrola algo que é da ordem do enfrentamento. Veremos, mais adiante, como o discurso antropológico joga simultaneamente com essas duas acepções.

Mas a história da utilização do signo *campo* no vocabulário científico não pertence propriamente à Antropologia: desde o final do século XVIII *campo* surgiu no discurso da Geologia, *i.e.*, da ciência que estuda a história e a estrutura da parte externa do globo terrestre.

O signo *terrain* foi inicialmente utilizado por ocasião da tradução francesa dos trabalhos do mineralogista alemão Werner e do geólogo escocês Hutton. Designa, então, um conjunto de camadas sedimentárias acumuladas durante uma determinada época. Com isso, esse signo se encontra no cerne de um debate científico extremamente vivo, referente à origem das rochas que compõem a crosta terrestre. Este debate opõe os oceanos aos vulcões. Werner, em seus cursos na Academia de Minas de Freiberg, sustenta a teoria dita “netuniana”, que atribui à ação da água o papel principal na formação das rochas; Hutton, em *Theory of the Earth, with Proofs and Illustrations* (1795), defende o “plutonismo”, que destaca a ação do fogo interior do globo. A referência à idade e à origem dos terrenos é central: dir-se-á de um terreno que ele é primitivo, sedimentário, vulcânico, primário, secundário etc. Notemos imediatamente que esse questionamento histórico sobre *terreno* também implica considerar sua natureza e sua ordenação. Veremos adiante as incidências

desta conjunção necessária entre uma reflexão sobre a história e uma reflexão sobre a estrutura dos terrenos.

No século XIX, o signo *terrain* estava firmemente implantado no vocabulário científico dos geólogos franceses. Brongniart publica “*Tableau des terrains qui composent l'écorce du globe*” (1829), Desnoyer estuda os terrenos da bacia do Sena (1929), Prévost descobre um “fóssil de pássaro de dimensões gigantescas” explorando os “terrenos parisienses” (1855) etc.

Assim, antes de entrar no léxico dos antropólogos, o signo *terrain* possui uma longa história geológica e essa densidade histórica do signo não é indiferente.

O leitor certamente deve se lembrar que, em *Tristes Trópicos*, Lévi-Strauss elevou a Geologia à categoria de uma de suas “três mestras” (1996, p.56).

Esta referência à Geologia aparece numa passagem em que Lévi-Strauss explica como, nos anos trinta, a leitura de Freud o levou a distanciar-se um pouco das antinomias estáticas sobre as quais se construíam, naquela época, as dissertações filosóficas¹⁰. Sobre isto, escreve:

esta evolução intelectual, pela qual passei junto com outros homens de minha geração, coloria-se, no entanto, de um matiz particular em virtude da intensa curiosidade que, desde a infância, me encaminhara para Geologia.

Mesmo antes do périplo brasileiro, a pesquisa realizada no planalto languedociano na busca da linha de contato entre duas camadas geológicas oferece, aos olhos de Lévi-Strauss, “a própria imagem do conhecimento”. Pois o campo geológico constitui um lugar privilegiado para atingir “o sentido, augusto entre

9. Citado por Linda Clark em “Le darwinisme social en France” in: *La Recherche*, Fev. 1988:196.

10. Note-se que foi neste mesmo contexto que aparece a frase de Lévi-Strauss que apresentamos como epígrafe deste artigo.

todos”. E o momento em que surge este “sentido supremo” é onde “o espaço e o tempo se confundem” (1996, p.54).

Na realidade, o que o sentido geológico de *terreno/campo* exhibe àquele que sabe apreendê-lo além de sua aparente desordem, é a profunda coerência que liga toda a estrutura presente à sua história. Dito de outra forma, o sentido geológico de *campo/terreno*, por sua própria natureza, obriga o pesquisador a procurar a justa articulação entre o ponto de vista sincrônico e o ponto de vista diacrônico. E sobre isso, todos conhecem a contribuição considerável da obra de Lévi-Strauss no domínio da Antropologia. E todos sabem também o que é devido a Saussure, no domínio da Linguística. Todavia, os pesquisadores das Ciências Sociais geralmente ignoram que o problema sincronia/diacronia fora colocado bem mais cedo na Geologia. Antes de sua história na Antropologia, e mesmo antes de sua proto-história na Linguística, o sentido dado, hoje, à palavra *campo* tem uma pré-história que se desenrolou na Geologia.

Um texto de Prévost, geólogo francês que se empenhou, particularmente, em estabelecer uma teoria explicativa da aparição das montanhas pela retração progressiva da crosta terrestre, mostra que a própria definição do conceito de *terrain* se encontrava no cerne do problema sincronia/diacronia tal como havia sido posto na Geologia.

Em 1845, Prévost apresenta uma comunicação na Academia Real de Ciências, intitulada *De la chronologie des terrains et du synchronisme des formations*. Este trabalho está inteiramente dedicado a estabelecer a prioridade que deveria ter, no plano metodológico, o ponto de vista sincrônico na Geologia. Propõe inicialmente “fixar a nomenclatura geológica” referente ao estudo do solo (Prévost, 1845, p.1). Prévost sugere uma distinção bem precisa dos três pontos de vista segundo os quais o solo pode ser estudado: o geólogo falará de rochas, de formações

ou de terrenos, segundo esteja interpretando os materiais do solo em função de sua composição mineralógica (calcária, argilosa etc), das causas de sua elaboração (aquosa, ígnea etc) ou do período do tempo em que surgiram (primário, secundário etc)¹¹.

Enquanto a organização da crosta terrestre era relacionada com uma origem causal única, tais distinções não se impunham. Werner, por exemplo, imputava a organização das substâncias que compõem o solo a um único determinismo aquoso: por esta razão, ele interpretava os depósitos superpostos unicamente em função de sua data de formação, privilegiando o ponto de vista diacrônico.

Porém, aos olhos de Prévost, os progressos da Geologia tinham revelado que causas diversas podiam ter atuado simultaneamente:

O estudo dos fenômenos atuais e sua aplicação à explicação dos fenômenos antigos permitiram demonstrar, como uma verdade incontestável, a ação sincrônica desde os tempos mais remotos, das duas principais causas plutoniana e netuniana¹².

Daí a necessidade inicial de distinguir claramente entre a contemporaneidade das formações e a sucessão dos terrenos, bem como de tirar disso as conseqüências referentes à utilização do método comparativo: “é preciso comparar os terrenos entre si, nas formações de mesmo tipo”¹³.

A conclusão metodológica que se depreende dessa perspectiva é evidente e prefigura diretamente o princípio estabelecido por Saussure e Lévi-Strauss em seus respectivos domínios:

O sincronismo é, para o estudo do solo e da história da terra, um princípio fundamental que deve ser tomado em consideração inicial e

11. *Ibidem*, p. 02.

12. *Ibidem*, p. 03.

13. *Ibidem*, p. 07.

seriamente, pois existe sincronismo nos fenômenos, nos acontecimentos e nos produtos; o sincronismo é encontrado nos grandes fatos, como nos menores detalhes¹⁴.

Ao final dessa breve incursão na profundidade histórica do signo, podemos retornar à questão de seu valor atual. Este problema enseja quatro considerações de nossa parte:

– Hoje, nos discursos tanto de antropólogos como de geólogos, o signo *terrain* é usado para designar tanto o objeto da pesquisa quanto o lugar onde se desenrola fisicamente o primeiro ato da pesquisa.

Em Geologia, *campo/terreno* é, principalmente, um conjunto de sedimentos acumulados, constituindo determinada porção da crosta terrestre, da qual o pesquisador estuda a idade e a estrutura. O geólogo poderá dizer, por exemplo, que

a medida das velocidades de desintegração dos elementos radioativos permite determinar a idade dos terrenos sedimentares (Birembaut, 1957, p.1124).

Mas *campo* é também o lugar onde se exerce uma parte da atividade de pesquisa geológica: o que é, então, para um geólogo o 'seu' campo? É o domínio geográfico, onde se observa diretamente, seja numa apresentação natural seja composta artificialmente, as rochas que ele quer estudar. Observar a face frontal de uma pedra, escavar com a pá, fazer perfurações, seguir um afloramento por indícios superficiais, tudo isto é "trabalho de campo". Claro que o geólogo somente irá formular suas conclusões definitivas depois de "muitas idas e vindas campo-laboratório" (Pomerol e Blondeau, 1968, pp. 13 e 61). Algumas obras de Geologia, aliás,

condensam essas duas concepções intitulado-se simplesmente *Géologie de Terrain* (Bates e Kirkaldy, 1977).

Sabe-se que em Antropologia, o signo se declina através da mesma bipolaridade semântica. *Campo* torna-se objeto, para quem diz, por exemplo, "meu campo é constituído pelos Nuer do Sudão meridional"; e é lugar quando se diz "semana que vem vou para o meu campo".

– Tanto para a Geologia quanto para a Antropologia, *campo* suscita o mesmo uso de adjetivos e pronomes possessivos.

As fraseologias contemporâneas, da Geologia e da Antropologia, parecem revelar que existe, em torno do campo, algo que é da ordem do íntimo, da identidade própria do locutor.

Como toda identidade, a que está em jogo neste tipo de enunciado se apresenta como eminentemente social, uma vez que se articula em torno do problema do reconhecimento pelos pares e da entrada numa comunidade científica. As citações de Lévi-Strauss e Condominas, reproduzidas no início deste artigo, são explícitas nesse ponto. Na Geologia, esta dimensão comunitária se formula de maneira quase idêntica na medida em que, por exemplo, pronuncia-se: que "aquele que não foi ao campo não pode arvorar-se em geólogo"¹⁵.

– Em Geologia como em Antropologia, a prática do campo é objeto de uma valorização que se sustenta num discurso negativo sobre o passado: os tempos incertos da Geologia e da Antropologia de varanda estariam longe.

De acordo com a mitologia antropológica, Malinowski teria iniciado essa renovação ao declarar:

O antropólogo deve renunciar a sua confortável espreguiçadeira da varanda de uma casa de missionário, de uma repartição governamental ou de um bangalô de fazendeiro onde, armado de

14. *Idem*.

15. Pomerol e Blondeau, *op. cit*, p.13

papel e lápis, e tomando de vez em quando um gole de uísque com soda, entrevistava os informantes, gravava histórias e preenchia páginas e páginas com textos de folclore primitivo (1926, p.153).

Assim como nossos pobres predecessores dispunham apenas do lápis e do caderno para conduzir a termo seu “survey” superficial, devemos constatar que “no final do século XIX, o geólogo dispõe apenas do martelo e da lupa para trabalhar no campo” (Birembaut, 1957, p.1123).

Tanto num caso como em outro, *campo* vem a ser objeto de uma mesma valorização. Que esta valorização obedece às exigências dos procedimentos científicos, não há qualquer dúvida, mas esta constatação não impede de destacar que ela repousa numa encenação discursiva.

Consideremos, por exemplo, a tradução para o francês de uma passagem do texto de Malinowski sobre o mito na psicologia primitiva, em que o autor precisa seu objetivo:

Este objetivo consiste em convidar os leitores a se afastar dos trabalhos de gabinete, aos quais se dedicam os teóricos, para sair ao ar livre que se respira no campo de pesquisa antropológica e reviver comigo o sentimento dos anos que passei em uma tribo melanésia da Nova Guiné. Remando na lagoa, observando os nativos trabalhando em suas roças sob um sol ardente, seguindo-os pelas trilhas da floresta, pelas praias tortuosas e pelos rochedos, aprendemos a conhecer sua vida¹⁶.

Uma passagem como esta, além do esteticismo literário a que recorre, tem como objetivo subterrâneo, sustentar a legitimidade do discurso científico. Nas entrelinhas, ele apresenta

16. *Idem*, p. 101

uma autoridade etnográfica que, antes mesmo de ser escrito o texto antropológico, garante que nele está a verdade. Inúmeros pesquisadores, sobretudo nos Estados Unidos, consagraram-se à arqueologia e à desconstrução deste tipo de encenação¹⁷. Este questionamento, que evidentemente não advoga por um retorno à *armchair anthropology*, pode se tornar frutífero na medida em que é suscetível de abrir o texto antropológico à existência de novos regimes discursivos possíveis.

O progresso que constituiu o estabelecimento da etnografia intensiva é incontestavelmente imenso. Mas é lamentável que a antropologia de campo seja constituída sobre a desvalorização dos trabalhos dos comparatistas do século XIX. De fato, esse movimento acarretou, ao mesmo tempo, numa desvalorização *a priori* do trabalho teórico, explícito na frase de Malinowski citada acima¹⁸. A sua maneira, Jones destacou este fato ao declarar, diante do *Royal Anthropological Institute*:

Atualmente, o pesquisador de campo tem uma vantagem incontestável sobre aqueles a quem, num orgulho impertinente, ele se refere, às vezes, como “antropólogos de varanda” (1924, p. 47)¹⁹.

17. *Cf.* por exemplo, Stocking, 1983; Clifford, 1998; Rabinow, 1986.

18. Este posicionamento anti-teórico é, de certa forma, ainda mais nítido na crítica à “*antropologia de poltrona*”, desenvolvida por Franz Boas nos Estados Unidos.

19. Esta passagem foi mal traduzida na edição francesa da obra de Jones. O texto original é: “As a result the field-worker today has an unquestioned advantage over those to whom in overweening pride he sometimes refers as “armchair anthropologists” (*in* J.R.A.L., 1924, p.47). O tradutor traduziu “unquestioned” por “incontestável”, ao invés de “incontesté” (Tradução francesa, 1973, p.105). Considerando nosso objetivo neste artigo, o leitor deverá compreender que a diferença possui, aos nossos olhos, uma grande importância.

– Em Geologia como em Antropologia, *campo* se apresenta, inicialmente, como uma categoria unicamente telúrica; designa um segmento da crosta terrestre ou, por extensão, a etnia que habita essa porção do globo. Porém, em consonância com a origem belicosa da expressão “ir para o campo”, o campo é também, de maneira mais ou menos explícita, um lugar de confronto.

Em Geologia, este confronto ocorre de várias maneiras. Primeiramente, nosso planeta é percebido como receptáculo e produto de uma vida interna tumultuada, onde se confrontam as forças geodinâmicas das quais os *terrains* são, na superfície, ao mesmo tempo resultante e testemunho. Abaixo d’*A Crosta da Terra* (Allègre, 1983), a física do globo restitui a violência desses choques, cujas manifestações mais perceptíveis são o vulcanismo, os sismos, a deriva dos continentes, a expansão dos solos oceânicos e a evolução dos isótopos radiogênicos²⁰.

Mais radicalmente ainda, o campo geológico constitui um espaço onde se entrecrocavam os materiais brutos com os quais o pesquisador é confrontado e seu projeto científico:

Em todos os casos [Geologia, Psicanálise, Marxismo], coloca-se o mesmo problema, o da relação entre o sensível e o racional. E o objetivo buscado é o mesmo: uma espécie de *super-racionalismo*, visando a integrar o primeiro ao segundo sem nada sacrificar de suas propriedades (Lévi-Strauss, 1996, p. 55).

A constituição do saber assenta na possibilidade de transformar esse engavetamento entre o sensível e o racional numa *síntese objetiva*.

Da mesma forma, no discurso antropológico, *campo* se apresenta como o lugar de diversos confrontos: entre as diferentes forças que se chocam no interior de uma cultura que lhes dá

sua configuração específica; mais radicalmente ainda, entre a documentação etnográfica em estado bruto e as categoriais usuais de análise do pesquisador. Por esta razão, a prática da profissão antropológica está “repleta de perigos”²¹: perigos físicos, como as doenças, mas, sobretudo, perigos simbólicos, uma vez que o antropólogo deve passar pela provação do abandono de si mesmo, sem, contudo, perder seu projeto de conhecimento. Igualmente, para ir para o campo, o antropólogo aprendiz deve estar *armado* de uma formação adequada que lhe permitirá realizar, no campo, esta síntese tão desejada.

Há algum tempo, desenvolve-se uma reflexão sobre os mecanismos subjacentes à constituição do texto antropológico²². Parece-nos, pessoalmente, que uma das potencialidades presentes na escrita antropológica reside na possibilidade de inventar novas formas textuais, que permitiriam não ocultar esta dimensão belicosa da experiência do campo, sem, contudo, afundar nela totalmente. Desde a publicação de alguns diários e cadernos de campo de antropólogos, o leitor sabe que uma parte da verdade do campo se avizinha com a sexualidade e a morte; a reinscrição desta parte maldita, no próprio texto antropológico, apresenta-se hoje como uma necessidade. Com esta finalidade, provavelmente seria preciso meditar sobre a frase de Leiris:

A propósito do ato amoroso – ou melhor, da cama que é seu teatro – eu empregaria de bom grado a expressão “campo de verdade” para o que, em tauromaquia, designa a “arena”, *i.e.*, “o lugar do combate” (1939, pp. 69-70).

Do ponto de vista da problematização de *campo*, no âmbito da linguagem, inúmeras outras pistas de pesquisa além das abordadas aqui poderiam ser seguidas. Desejaríamos, para

21. *Idem*, 1967, p. 416).

22. *Cf.* por exemplo, Clifford e Marcus, 1986.

20. *Cf.* Hamelin e Dupré, 1988.

terminar, desdobrar algumas delas. As observações que se seguem têm, pois, em nosso espírito, valor essencialmente programático.

- Um trabalho considerável, mas que poderia se tornar repleto de ensinamentos, consistiria em estudar como o signo *terrain* surgiu no discurso da antropologia francesa: quando, em quais circunstâncias e por quais razões este signo começou a ser utilizado? O que revelam os contextos discursivos de suas primeiras ocorrências? Este trabalho permitiria colocar, no campo da língua, certo número de questões cruciais referentes à origem, à história e ao estatuto epistemológico atual da antropologia francesa.

- Da mesma forma, seria interessante abordar, na perspectiva da linguagem, o problema das relações que mantêm as diferentes tradições antropológicas nacionais.

- Assim como *boeuf* e *ochs* não devem ser confundidos (Benveniste, 1939, referindo-se à Saussure, 1970, p.82), é preciso considerar o fato que *terrain* e *field* constituem dois conceitos distintos, vinculados a sistemas de signos diferentes, que não são, portanto, diretamente assimiláveis um ao outro²³.

Para atermo-nos ao caso da língua inglesa, seria necessário verificar se o valor do signo *field* se organiza num campo semântico similar ao do signo *terrain*. Com restrições de análise detalhada, parece que a dimensão militar do signo está muito presente em inglês, como atestam as seguintes expressões: *field of battle* (campo de batalha), *field-dressing* (curativo de emergência), *field-gun* (canhão de campanha),

23. Deste ponto de vista, levaremos em consideração que as citações de Condominas, Malinowski e Jones, reproduzidas neste artigo, são traduções em francês de frases inicialmente pronunciadas ou redigidas em inglês. NT. A mesma observação vale para as traduções de *terrain* em português: *campo/terreno*.

field-hospital (ambulância de divisão), *field-officier* (oficial superior). Aliás, no dicionário *Harrap's* encontramos: “field-work, s.l. *Mil*: obra de campanha, acampamento improvisado. 2. Trabalhos práticos, trabalhos de campo” (Mansion, 1974, p.F11).

No que se refere à questão da aparição do signo *field* no discurso da antropologia britânica, Stocking destaca:

por ocasião de seu retorno, contudo, Haddon ativamente fez propaganda por mais “trabalho de campo” antropológico (um termo aparentemente derivado do discurso dos naturalistas, que Haddon parece ter introduzido no campo da antropologia Britânica) (1983, p. 80).

Por outro lado, seria necessário examinar como a referência à Geologia interveio nos discursos dos antropólogos anglo-saxões. Já destacamos em outra ocasião, que Rivers apoiou-se nas metáforas geológicas (Pulman, 1986, p.128).

- Enfim, seria extremamente interessante ver como o signo campo é utilizado em disciplinas vizinhas da Antropologia (Pré-História, Arqueologia, Lingüística, Psicanálise etc), reformular sobre esta base o problema da relação entre antropologia e essas diferentes disciplinas.

Em relação à Lingüística, vimos que Saussure utiliza o signo para designar aquilo para o que, primeiro, a Lingüística deve voltar-se, a saber, a língua: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (1965, p. 16). É precisamente o que procuramos fazer aqui em relação ao campo antropológico.

Do lado da Psicanálise, destacamos que, de acordo com Laplanche e Pontalis:

A transferência é classicamente reconhecida como o campo em que se resolve a problemática de uma cura psicanalítica, sendo que sua instalação, suas modalidades, sua interpretação e sua resolução a caracterizam (1967, p. 492).

A convergência léxica, sem dúvida, não é indiferente, na medida em que o campo antropológico pode ser visto como o lugar de uma situação transferencial (Devereux, 1967).

As regras da vida acadêmica fazem com que os antropólogos produzam um saber que toma essencialmente uma forma textual²⁴. Assim, a transmissão da experiência vivida no campo-CAMPO transita pela dupla mediação da língua e da escrita: sob *campo* a PÁGINA!²⁵

Nos textos antropológicos, *campo* se assume como o lugar próprio do antropólogo: aquele que simboliza a particularidade do seu procedimento e exemplifica a veracidade do seu discurso. Todavia, este lugar não lhe pertence propriamente, pois nenhum indivíduo pode se apropriar da língua. Outros podem pretender usar o termo, como testemunha esta declaração: “o *campo* é por excelência o domínio do geólogo” (Pomerol e Blondeau, 1968).

Atualmente, o texto antropológico deve enfrentar um perigo: este lugar próprio ao antropólogo não pode se reificar em lugar-comum dos antropólogos. Trata-se de um problema de estilo, mas que toca no essencial! Um dicionário contemporâneo selecionou, para ilustrar a definição da expressão “lugar-comum”, uma citação de Gide: “Somente nos entendemos sobre os lugares-comuns. Sem campo banal, a

sociedade não é mais possível” (Robert, 1986, p.1094)²⁶. Isto poderia ser visto como um cuidado da própria língua?

Para um grupo definido de usuários, “o signo é, ao mesmo tempo, marca e ausência” (Ducrot e Todorov, 1973, p.128). Não deveríamos esquecer a complementaridade dessas duas dimensões de *campo*.

Referências bibliográficas

- ALLEGRE, Claude. *L'Ecume de la Terre*. Paris: Fayard, 1983.
- ASSOCIATION FRANÇAISE DES ANTHROPOLOGUES. *L'Ethnologue et son terrain*. Textes rassemblés par Suzanne Lallemand et publiés in *Bulletin de l'AEA*. 29-30. Paris, 1987.
- BATES, D.F.B. et KIRKALDY, J.F. *La Géologie de Terrain*. Paris: Nathan, 1977.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Nacional (Biblioteca Universitária Série 5; Letras e Lingüística, 8). Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Néri. 387p. 1976. [citação original: “Nature du signe linguistique”, 1939. Repris in: *Problèmes de Linguistique Générale, vol.1*. Paris: Gallimard Tel, 1966].
- BIREMBAUT, Arthur. “La Géologie”. In: *Histoire de la Science*. Sous la direction de M. Daumas. Paris: Gallimard (Encyclopédie de la Pléiade), 1957. p:1095-1127.
- BRETON, André. “Main Première”, Introduction à l'ouvrage de Karel Kupka: In: *Un art à l'état brut: peintures et sculptures des aborigènes d'Australie*. Lausanne: Éditions Clairefontaine, 1962. p:9-12.
- BRONGNIART, Alexandre. *Tableau des terrains qui composent l'écorce du globe – Essai sur la structure de la partie connue de la terre*. Paris, 1829.
- CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Tradução Patrícia Farias. 1998. p:17-62. [citação original: “De l'autorité en ethnographie”, *L'ethnographie* LXXIX (90-91), 1983. p:87-118.
- CLIFFORD, James and Marcus, George E. (Eds). *Writing*
24. Cf. Clifford e Marcus, 1986.
25. NT - *Sous le terrain... la PAGE*: a frase do original lembra um dos slogans mais famosos de maio de 1968, retomado de uma pichação: “*Sous les pavés, la plage!*” [Sob os paralelepípedos, a praia!] em referência aos paralelepípedos removidos para serem lançados ou amontoados em barricadas e que descobriam uma camada de areia que lembrava uma praia.
26. *Banal* quer dizer: 1) que pertence ao senhor feudal e por extensão, à comuna; 2) comum e sem originalidade.

- Culture: the poetics and politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986. [Traduzido em espanhol: *Retóricas de la Antropología*. Madrid: Jucár Universidad (Serie Antropología), 1991].
- CONDOMINAS, Georges. "Ethics and comfort. An ethnographer's view of his profession". *Annual Report of the American Anthropological Association*, 1972. p:1-15.
- CORVISIER, André. *Dictionnaire d'Art et d'Histoire Militaire*. Paris: PUF, 1988.
- DESNOYERS, Jules. *Observations sur un ensemble de dépôts marins plus récents que les terrains tertiaires du bassin de la Seine*. Paris, 1829.
- DEVEREUX, George. *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*. La Haye, Trad. franç.: Paris: Flammarion, 1980.
- DUCROT, Oswald et Todorov, Tzvetan. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: Publicações D. Quixote (Coleção Informação e Cultura, 4). Tradução de: Antonio José Massano, José Afonso, Manuela Carrilho e Margarida Font. 445p. 1973. [citação original: *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*. Paris: Seuil (Collection Points Sciences Humaines n.110), 1972].
- HAMELIN, Bruno et DUPRÉ, Bernard. "L'activité chimique de la Terre". In: *La recherche*, 19 (196), 1988. p. 164-173.
- JONES, Ernest. "Psycho-Analysis and Anthropology". *J.R. Anthropol. Inst.* LIV:47-66. 1924. Trad.franç.in *Psychanalyse, folklore, religion*. Paris: Payot, 1973. p. 104-128.
- LAPLANCHE, Jean et PONTALIS, J.B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1967.
- LEIRIS, Michel. *L'Âge d'homme*. Paris: Gallimard (Nouvelle édition Collection Folio n.435), 1939.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. "Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Colocados por seu Ensino". In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Biblioteca Tempo Universitário, 7). Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 1967. p. 385-424. [citação original: "Place de l'anthropologie dans les Sciences sociales et problèmes posés par son enseignement" (1954). Repris in: *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon, 1958. p. 377-418].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. 400p. 1996. [citação original: *Tristes Tropiques*. Paris: Plon, 1955].
- MALINOWSKI, Bronislaw. "Myth in primitive psychology", trad. franç. In: *Trois essais sur la vie sociale des primitifs*. Paris: Payot (PBP n.109), 1926. p. 97-154.
- MANSION, J.E. *Harrap's New Shorter French and English Dictionary*, First published 1944. Reprinted with corrections and additions 1974. Part two English-French. London: Harrap; Paris: Bordas, 1974.
- MARTINET, André. "Arbitraire Linguistique et Double Articulation". In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 15, 1957. p. 105-116.
- POMEROL, Charles et BLONDEAU, Alphonse. *Initiation à la Géologie Pratique*. Paris: N. Boubée et Ore, 1968.
- PREVOST, Constant. *Documents pour l'histoire des terrains tertiaires*. Paris, 1827.
- PREVOST, Constant. *De la chronologie des terrains et du synchronisme des formations*. Paris: Institut de France, 1845.
- PREVOST, Constant. *Annonce de la découverte d'un oiseau fossile de taille gigantesque trouvé à la partie inférieure de l'argile plastique des terrains parisiens*. Paris, 1855.
- PULMAN, Bertrand. "Aux origines du débat ethnologie psychanalyse W.H.R. Rivers (1864-1922)". In: *L'Homme*, 100, XXVI(4), 1986. p. 119-142.
- RABINOW, Paul. "Representations are Social Facts: Modernity and Postmodernity Anthropology". In: CLIFFORD, James and MARCUS, George E. (Eds). *Writing Culture: the poetics and politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986. [Traduzido em espanhol: *Retóricas de la Antropología*. Madrid: Jucár Universidad (Serie Antropología), 1991].
- ROBERT, Paul. *Dictionnaire Alphabétique et Analogique de la Langue Française*, vol.6. Paris: Société du Nouveau Littre, 1965.
- ROBERT, Paul. *Le Petit Robert, Nouvelle Édition Revue*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand de. "Notes antérieures à 1900", édité par R. Godel sous le titre "Notes inédites de F. de Saussure". In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 12, 1954. p. 49-71.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 279p. 1965. [citação original: *Cours de Linguistique Générale (1906-1911)*. Nouvelle édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972].
- STOCKING, George W. Jr. "The Ethnografer's Magic: Fieldwork in British Anthropology from Tylor to Malinowski". In: STOCKING, George W. Jr. (org.) *History of Anthropology, 1*. Chicago: University of Wisconsin Press, 1983. p. 70-120.

traduzido de

PULMAN, Bertrand. Pour une histoire de la notion de terrain. *In: Gradhiva: revue d'histoire et d'archives de l'anthropologie*, Paris, no.5, p.21-30, 1988.

tradutora Wilma Marques Leitão

Professora da Faculdade de Ciências Sociais/IFCH-UFPA
Doutora em Sociologia e Antropologia/IFCS-UFRJ

revisor Adriana de Oliveira Silva

Mestranda em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

revisor Daniela do Amaral Alfonsi

Mestre em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

tradutor Jayne Hunger Collevatti

Doutoranda em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

tradutor Luísa Valentini

Mestranda em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

Recebido em 10/09/2004

Aceito para publicação em 02/08/2007